

Ilhados

**Conto de suspense baseado em fatos reais
Por Alan Victor Calsolari Bariani**

Publicado em 4 capítulos no blog [Depokafe](#) em outubro de 2007.

20/08/2007

15:45 Quinta-feira, um dia quente, muito quente. O ar estava parado, estagnado, não havia sequer uma gota de vento em toda a cidade.

Desabotoei o segundo botão da camisa social do meu uniforme, e afrouxei um pouco o cinto. Estava difícil continuar concentrado no meu trabalho, então resolvi dar uma pequena pausa na vida dura e verificar quem estava conectado no MSN.

Enquanto buscava na minha lista por alguém com quem pudesse bater um papo para descontraír um pouco, ouço meu celular apitar. Era uma mensagem da minha namorada, avisando que não iria à faculdade hoje, pois não estava se sentindo bem. Enquanto estava mandando um SMS de resposta para ela, o telefone da firma tocou. Era um cliente com uma dúvida em relação a um relatório do sistema. Depois que desliguei o telefone pensei: Mais um dia comum, e quente.

21/08/2007

08:00 Sexta-feira, novamente um dia quente. Mas enquanto estava indo para o meu serviço, notei uma coisa um pouco diferente: Nuvens no horizonte. Elas ainda estavam claras, mas depois de mais de um mês sem nem sinal de chuva ou qualquer coisa parecida, nuvens no horizonte era algo que poderia ser considerado diferente.

11:00 Nem o telefone, nem o msn da firma haviam parado um segundo sequer, mas nada de anormal para uma sexta-feira. Não sei porque, mas justo no último dia da semana é que os maiores problemas e as maiores dúvidas surgiam...

11:30 Voltando para casa hora do almoço, quase me passou despercebido, mas ao olhar para o horizonte notei que as pequenas nuvens do horizonte agora haviam se tornado mais escuras, densas e maiores. Pelo visto justo no final de semana teríamos a tão sonhada e esperada chuva.

11:45 Depois de almoçar, eu normalmente ligo a televisão, para acompanhar as notícias da região, mas infelizmente quando a liguei percebi que o sinal estava um pouco fraco. Todos os canais estavam com chiados, ruídos, estática e/ou fantasmas. Um pouco estranho, mas não me preocupei no momento, afinal, às vezes isso acontecia.

13:30 A tarde estava relativamente calma para uma sexta-feira, o telefone não havia tocado nem um minuto depois que eu havia voltado do almoço. Apenas o MSN que estava enchendo um pouco.

Como o patrão não estava por perto, resolvi ligar para a minha mãe para perguntar se ela queria que eu levasse algo para ela da rua. Estava ocupado.

13:45 Novamente tentei ligar para minha mãe, e novamente estava ocupado, Então tentei ligar para um dos funcionários da assistência externa que estava em um cliente, precisava que ele me trouxesse alguns dados, mas novamente estava ocupado. Então peguei o celular corporativo para ligar para o celular dele, só que para minha surpresa, estávamos sem sinal. Os dois telefones nos quais eu precisava falar estavam ocupados, e o celular da firma estava sem sinal. Só por curiosidade, resolvi olhar o meu celular... Também sem sinal.

14:30 Havia descoberto o que estava acontecendo: a cidade inteira estava sem celular, tanto na rede CDMA, quanto na GSM, e os telefones fixos estavam todos dando sinal de ocupado. Bem, pelo menos teria paz no meu trabalho, afinal, o que mais me atrapalhava

eram os telefones tocando...

15:00 Exatamente as 15:00 ocorreu algo que isoladamente não me espantaria, mas, junto com os outros problemas que estavam acontecendo na cidade, começou a ser preocupante: A Internet havia parado de funcionar.

Estávamos completamente isolados do mundo, em termos de informação. Só para confirmar, fui dar uma volta no comércio vizinho, e percebi que nem as televisões estavam funcionando.

Dei uma pequena olhada para o céu, e vi que as pequenas nuvens do horizonte agora estavam negras e tomando grande parte do céu. Um vento gelado soprava timidamente.

16:00 A essa hora todos já sabiam do que estava acontecendo na cidade, e várias teorias já haviam sido levantadas para explicar o que estava acontecendo. Das mais simples, como um cabo de comunicação quebrado, as mais estapafúrdias como uma mancha solar que estava interferindo nas comunicações por satélite. Mas nenhuma das explicações eram boas o suficiente. Os celulares se comunicam por cabo apenas até a central, que se encontra na cidade, depois a comunicação é feita por satélite. Já os telefones fixos não são afetados por problemas em satélites, pelo menos não em nível regional. Estaríamos isolados de outras regiões, mas pelo menos os telefones locais, como o 190 da polícia estaria funcionando. Nada explicava a aparente bolha de isolamento tecnológico pela qual a cidade estava passando.

A nuvens negras já haviam tomado todo o horizonte, e o vento agora estava soprando insistentemente. Uma tempestade era eminente, e pelo visto ela seria de grandes proporções.

18:15 Estava no ônibus que me levaria para uma faculdade da cidade vizinha. Logo logo eu saberia se o isolamento era apenas na cidade, ou se os problemas na comunicação tomavam toda a região. Quando estávamos perto da saída da cidade, cruzaram pelo ônibus duas viaturas do corpo de bombeiros em alta velocidade. Pelo visto havia ocorrido algum acidente na estrada.

Para nossa surpresa o acidente era na entrada da cidade. Um caminhão bi-trem (aqueles com duas carretas) de soja havia tombado e espalhado toda a carga pela pista. Segundo os bombeiros no momento seria impossível entrar ou sair da cidade.

Apenas uma coisa estava estranha em tudo aquilo: Nenhum dos bombeiros que estavam atendendo a ocorrência eram conhecidos. Em uma cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo, principalmente quando se trata de policiais ou bombeiros, mas nenhum dos que estavam ali eram familiares, tanto a mim quanto aos meus companheiros de viagem. A ordem era para que o ônibus desse meia volta e tentasse a saída alternativa da cidade.

18:30 Comecei a analisar os fatos enquanto nos encaminhávamos para a saída alternativa da cidade: estávamos sem nenhum tipo de comunicação com o mundo exterior. Nem telefones fixos, nem celulares ou internet. Agora não tínhamos como sair da cidade pelas vias comuns. Nem os telefones de emergência funcionavam, e uma tempestade de grandes proporções se anunciava no horizonte.

Quando chegamos na outra saída da cidade, tivemos uma desagradável surpresa. A ponte que ligava a vicinal à rodovia principal estava caída. Teríamos de voltar para casa, não tínhamos como sair da cidade.

Agora a ficha havia caído: estávamos completamente isolados: Não tínhamos como nos comunicar com ninguém fora da cidade, e não havia como entrar ou sair dela. Estávamos ilhados.

19:00 De volta para casa, a única coisa que interessa saber era realmente o que estava acontecendo. Porque a nossa cidade estava ilhada do resto do mundo. E a tempestade que antes se anunciava no horizonte, agora era praticamente uma realidade. Ventava forte, e já se podia sentir o cheiro de terra molhada.

Os fatos que estavam acontecendo, isolados não queriam dizer nada. Mas tudo acontecendo de uma vez era preocupante.

Uma coisa dentro de mim dizia que os fatos estavam correlacionados. Não me saía da cabeça um fato ocorrido a alguns meses, que virou notícia nacional. Uma torre de TV tinha sido derrubada para que os moradores de uma cidade do interior de Minas não vissem uma matéria no fantástico sobre a corrupção do prefeito e de alguns vereadores. Mas aqui a coisa era muito mais grave. Nem tv, nem telefone, nem internet funcionavam. As saídas da cidade também estavam bloqueadas supostamente por um acidente e uma queda de ponte. Quem fosse que estivesse por trás de toda essa coisa havia feito o serviço muito bem.

E além de tudo havia essa tempestade por vir. Talvez fosse meu estado de nervos, por toda essa situação incomum, mas essa tempestade não parecia normal. As nuvens, que antes eram apenas uma pequena marca no horizonte, agora estavam absurdamente negras, e tomavam todo o céu, como se nem ele fosse permitido para os habitantes da nossa cidade.

Só nos restava esperar...

20:13 A chuva que se anunciava durante todo o dia, começou, e trouxe consigo raios e trovões, sem contar com o vento, que antes da tempestade cair, já era forte, agora então estava pior. Não bastava não podermos sair da cidade, agora estávamos presos até nas nossas próprias casas.

20:45 A tempestade não cessava, ao contrário, parecia cada vez mais forte. Os raios e conseqüentemente os trovões eram cada vez mais freqüentes, até que ao mesmo tempo em que um raio mais forte, com um estrondo ensurdecidor, clareou os céus, as luzes se apagaram. Estávamos também sem eletricidade.

21:00 Após uma pequena aventura do lado de fora de casa, confirmei minhas suspeitas: A cidade toda estava sem eletricidade, e eu estava completamente encharcado.

21:15 Após me secar, me sentei no sofá da sala. A única coisa que tinha a fazer agora era divagar sobre o que estava acontecendo. Sem eletricidade, só a bruxuleante luz de uma vela sobre a mesinha de centro me iluminava, que juntamente com o barulho do vento e da chuva fustigando a janela, barulho este que anteriormente era abafado pelo som do aparelho de cd que eu havia ligado, tornava o ambiente de certa forma ameaçador. Desde pequeno nunca havia gostado de tempestades, principalmente dos ventos que as acompanhavam. Sempre senti o cheiro de algo ruim nos ventos de tempestade, e nessa tempestade o vento não era diferente. Na verdade era. Ele em fazia sentir algo pior, como se algo maior fosse acontecer. Talvez fosse por tudo o que estava acontecendo, ou não.

21:50 Por mais que eu tentasse pensar, raciocinar, ou mentir para mim mesmo, não conseguia achar uma explicação, ou ao menos me acalmar. Estava me sentindo cada vez mais cansado...

Havia começado a me sentir assim depois que a eletricidade havia acabado, estranho. Se minha mãe estivesse aqui, ela diria que é apenas sono, um lugar escuro, o som das gotas de chuva na janela, um sofá macio...

Não resistindo eu acabei adormecendo...

22/08/2007

10:15 Sábado. Quando acordei me lembrei de tudo o que havia acontecido na noite anterior. Não deveria ter adormecido, mas não resisti. Estava todo dolorido, possivelmente efeito de ter dormido torto no sofá. Por costume liguei a TV, mesmo achando que ela não funcionaria. Para a minha surpresa ela estava funcionando. Rapidamente olhei o celular: Sinal completo. Fiz uma ligação de teste para a minha casa, para confirmar o funcionamento do celular e de quebra já testar se o fixo estava funcionando. Tocou, tudo estava perfeito. Liguei o radio para ver se havia alguma noticia sobre o acontecido, enquanto ia direto para o computador, verificar o funcionamento da internet.

11:20 Tudo estava funcionando perfeitamente. A cidade havia voltado ao normal. No noticiário local a noticia era que uma queimada numa plantação de cana havia saído do controle e consumido duas torres: a da repetidora do sinal de tv e a que sustentava os cabos que ligavam a central telefônica da cidade local com a regional. Havia também uma reportagem sobre a indignação de alguns moradores sobre a ponte na saída da cidade, que havia sido destruída na ultima grande tempestade, há 3 meses atrás e ainda não havia sido reconstruída. Também segundo o noticiário local, uma ocorrência rodoviária, o tombamento de um bitrem carregado de soja na entrada da cidade havia bloqueado o transito, sendo necessário a ajuda do corpo de bombeiros das cidades vizinha. Tudo parecia se encaixar, tudo muito perfeito. Na cidade pouco se comentava sobre o assunto, o máximo que se ouvia era alguma reclamação sobre alguma arvore ou muro caídos pro causa da tempestade. Em uma ou duas semanas o assunto estaria esquecido, e nunca saberemos o que realmente aconteceu naquele dia. Porque nossa cidade foi isolada do resto do mundo, qual a intenção, o porque, e quem estaria por traz de tal ato. Poderia ser apenas divagação de minha cabeça, pura imaginação, o que me causava um certo mal estar, mas o que mais me incomodava era o seguinte: novamente havia nuvens negras no horizonte, e um vento estranho ainda soprava...